PARA A FRENTE...

«Chama» entrou no seu 4.º ano. Graças à ded cação, amparo e boa vontade de todos que aqui trabalham o jornal continua e continuará com o fim único de servir a M.P. e prestigiar o Centro.

Queremos uma Mocidade que seja sòmente portuguesa, guiada pelos idea s de Deus e da Pátria e que mais do que esperança seja a certeza da continuidade de Portugal.

Olhamos confiados para as raparigas e rapazes que conscientemente se preparam lado a lado para o cumprimento dos seus deveres de cristãos e de portugueses.

Serão eles os construtores das obras que sonhamos, serão eles os nossos continuadores nesta sucessão de idades que faz as Pátrias e c menta as Nações.

Sentimos a responsabilidade que nos cabe, pois é na medida em que cumprimos, nos dedicamos, nos sabemos dar e sacrificar, que podemos exigir dos mais novos.

Eles serão na medida em que fomos e, na hora em que se vive, é forçoso viver inteiramente no amor e na fé dos ideais que se professam.

Nesta hora de luta em todas as frentes haverá, porventura, combate mais belo, mais entusiasta e alevantado do que terçar armas pela juventude levando-lhe a compreensão que por vezes não sente, a bondade s ncera que tanto consola e o amor que tudo redime?

Não o há por certo, pois nesta luta temos connosco a graça de Deus e a chama sempre viva das Pátrias que não queremos morrer.

«CHAMA»

A CASA DA MOCIDADE HOMENAGEOU O DELEGADO DISTRITAL

No dia 26 de Outubro, na sessão solene de abertura das actividades da Casa da Mocidade, foi prestada significativa homenagem ao Delegado Distrital de Castelo Branco.

Presidiu ao acto o sr. Presidente da Câmara da Covilhã, que era ladeado pelas sr.as Delegada Distrital de Castelo Branco e Subdelegada Regional da Covilhã, Delegado Distrital, Director do Centro Escolar n.º 2 em representação do Subdelegado da Covilhã, Director e Presidente da Direcção da Casa da M. P.

Usou em primeiro da palavra o Presidente da Casa da Mocidade, C. B. Rolão Bernardo, que dissertou sobre o lema e ideais da Organização e fez o elogio do sr. dr. José Catanas Diogo que no exercício das suas funções distritais teve sempre especial atenção pelos interesses e vida desta Ala.

A terminar convidou o graduado mais novo da Covilhã, Q. G. Walter Marques Jacinto, a descerrar o retrato do Delegado Distrital que se encontrava coberto com a bandeira da M. P..

Toda a assistência, de pé, aplaudiu calorosamente tão simples mas significativa homenagem ao sr. dr. José Catanas Diogo.

O salão da Casa da Mocidade passou a ter o nome «Sala Delegado Distrital Dr. Catanas Diogo».

O dr. Leite de Castro leu os telegramas das pessoas que se associaram ao acto. Entre muitos outros foram lidos telegramas dos snrs. Governador Civil de Castelo Branco, Comissário Nacional da M. P., e secretário inspector da Mocidade Portuguesa.

O director da Casa da Mocidade, chefe de serviços Leite de Castro, dirigiu em seguida uma breve saudação ao Delegado Distrital, agradeceu a honrosa presença das entidades e felicitou o sr. Presidente da Câmara pelo comportamento exemplar com que os soldados deste concelho se têm comportado nas províncias ultramarinas e evocou o Capitão Santiago de Carvalho e o Sargento Paulo dos Santos cujos feitos a história regista entre as suas mais significativas páginas.

O sr. dr. José Catanas Diogo agradeceu em seguida a homenagem que lhe fora prestada e teve para a terra e mocidade covilhanense palavras de maior apreço e simpatia.

Encerrou a sessão o sr. presidente da Câmara que disse do seu muito agrado por se encontrar mais uma vez na Casa da Mocidade, obra que muito admira, e por lhe ter sido dado associar-se à homenagem tão justa que acaba de ser prestada ao Delegado Distrital.

O sr. dr. José Catanas Diogo foi muito cumprimentado e felicitado por todos os presentes.

Acompanhava o Delegado Distrital o comandante da Divisão e seu ajudante de campo, C. B. Vítor Manuel Neto Pacheco.

O Delegado Distrital agradece a homenagem

14

DIRECTOR ★ C.S.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ C.B. JOAO A. ESGALHADO D'OLIVEIRA
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHA)

NOVEMBRO DE 1963

Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Dois homens, duas cidades, o mesmo ideal — engrandecimento da Pátria

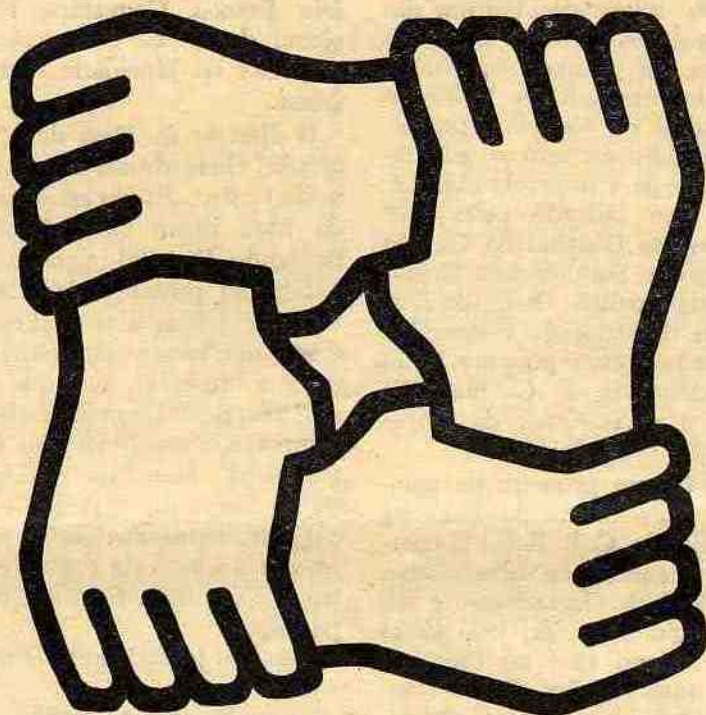
Descoberto o novo caminho para a Índia, pelo Cabo, encarreirou-se, naturalmente, por ali, todo o movimento militar e comercial, mas sucedeu que alguns viajantes portugueses isolados, levados pela simples fantasia ou pelas necessidades de momento seguiram, várias vezes, a antiga via do Mediterrâneo, do Egipto ou da Síria. E a estas viagens, embora feitas quase todas por mar, deu-se o nome de viagens por terra, em oposição às que tomavam o novo caminho em volta da África, feitas todas por mar.

A principal destas viagens por terra, é, por direito, a viagem de Pero da Covilhã e de Afonso de Paiva, primeira na data (chegada à India) e primeira também na importância.

Depois de sucessivos emissários serem enviados para o interior da África, onde desenvolveram o comércio e procuraram notícias sobre o caminho da Índia, D. João II, mandou chamar dois dos seus mais fiéis servidores, ao ter conhecimento por João Afonso Taveiro, que estabelecera uma feitoria em Benim, que a vinte dias de marcha para além da costa, existia um potentado com o nome de Ogané que, para o seu povo, era ao mesmo tempo, Monarca e Pontífice. Eram estes servidores, Pero da Covilhã e Afonso de Paiva, que deviam ir em busca de notícias das terras do Oriente, e em especial da Etiópia, cujo soberano parecia ser Ogané, identificado como o Preste João e que não era muito rico, nem cristão ortodoxo, mas cismático.

Animado por estas luzes que rompiam de entre a névoa, D. João II ordenou que partissem duas missões para onde vivia Ogané. Ambas sairam, em 1487: uma chefiada por Pero da Covilhã e Afonso Paiva, deviam procurar a via mais curta, o Mediterrâneo, outra, comandada por Bartolomeu Dias, seguiria para o sul e litoral africano.

Os dois primeiros foram em Maio, por Valência a Barcelona e ali embarcaram para Itália. De Nápoles, passaram à Ilha de Rodes, onde adquiriram um carregamento de mel a fim de viajarem como mercadores. Depois desta precaução, embarcaram de novo para Alexandria. Foram atacados pelas febres, correram perigo de morte e as suas mercadorias foram-lhes confiscadas. Depois de restabelecidos e de obterem uma pequena indemnização, compraram novos produtos, que pudessem ser comerciados e, num pequeno veleiro, partiram para Aden. Aí, segundo o plano traçado: Afonso de Paiva seguiu para a Etiópia e Pero da Covilhã tomou o navio conhecido por «nau de Meca» e passado um mês chegou a Cananor. Era o ao Rei de Portugal, que entregou a José de Lamego, com a narrativa de tudo quanto viu, acompanhou a Ormuz, Abraão, que veio fazer depois o seu relatório directamente em Lisboa.

Nesta altura, Pero da Covilhã dirigiu-se a Jeda primeiro, foi a Meca sob o aspecto de romeiro. com alva túnica e o crâneo rapado; visitou Medina, o Sinai e o convento cristão de Santa Catarina. onde ouviu missa. Terminou a sua viagem em 1493 na Abissínia, donde nunca mais voltou.

primeiro português a alcançar a Índia.

De Cananor seguiu para Calecute, o maior centro mercantil do Oriente, onde eram carregados habitualmente os navios de Aden e dos Estreitos que traziam para os países ocidentais, as valiosas especiarias.

Em seguida, Pero da Covilhã, vai a Goa, a Ormuz (outro centro importante de comércio), e por fim a Sofala, na África Oriental. Regressou a Aden (Outubro de 1490) e atingiu o Cabo, onde esperava encontrar Afonso de Paiva e assim, ambos voltariam a Portugal, com a missão cumprida. Entretanto uma triste notícia o aguardava: o seu companheiro morrera, e era procurado por dois homens, José de Lamego e Abraão de Beja, enviados por D. João II. Traziam-lhe novas ordens. ordem para voltar ao reino, caso tivesse chegado ao fim do seu percurso, caso contrário, deveria avistar-se com o Preste João e levar Abraão a Ormuz. Depois de escrever uma carta

Passados muitos anos, em 1526, a embaixada de D. Rodrigo de Lima deu notícias suas: era vivo e tinha constituido família. Apesar de D. Rodrigo ter tentado trazê-lo consigo, Pero da Covilhã permaneceu na Etiópia onde contou a sua aventurosa vida, ao Padre Francisco Álvares, outro covilhanense. que fez o relato deste aventureiro da sua terra natal.

Apesar de tudo, permanecerá a dúvida: Pero da Covilhã ficou entre os abexins como prisioneiro ou ficou de livre vontade?

Paulo Ratto Rainha

PESADELO

por José M. Cunha

Sinto-me só. Tudo me atormenta. Uma mosca. Uma formiga. Um ruído. Uma fala de alguém.

Fujo para longe. Procuro um sítio solitário, onde possa meditar, onde possa sofrer.

*

Vejo-me cercado por quatro paredes de pedra enormes, caiadas de preto. Preto significativo. Paredes essas que parecem querer esmagar-me. Aflição. Desespero. Tudo se apodera de mim. Uma luz fosca parece aproximar-se para libertar-me, mas de repente já não a vejo. Vejo sòmente as paredes vomitarem pedaços de fogo contra mim.

Fecho os olhos. Todo o meu corpo treme. As pernas parecem quebrar-se. O cabelo ergue-se. E as paredes continuam a aproximar-se. A AFLIÇÃO e o DESESPERO apoderam-se completamente de mim.

Tento fugir. Estou trancado por uma fechadura, que jamais poderá ser aberta.

Tudo à minha volta é escuro.

Essas paredes negras cor de carvão e carcomidas pelo tempo eram a morte...

*

Acordo em sobressalto.
Funchal, 17-9-63.

"EVOCAÇÃO"

Vem, Musa!
Dá-me a mão
E vem comigo à serra agreste
E nua...
Vem.
Levemente,
Veste-a de mansinho
Com a túnica lisa de cristal
Com o véu transparente de Poesia!

T. F. P.

Manhã radiosa e salvadora

Tristes tempos te esperam pobre humanidade, corrompida de vícios, de podridão, de mal estar, de falta de paz.

Corres vertiginosa para o caos, para a confusão, para a desgraça. Qual turbilhão de água revoltosa do oceano, desfazendo-se contra as rochas, tal a tua corrida desenfreada e suicída para o abismo.

E nesta confusão, nesta amálgama de vícios e de iniquidades, a pobre e desamparada juventude, vai submergindo, incitada e acalentada por aparências ilusórias sob as quais se esconde uma malícia pérfida e cheia de vícios.

Numa época em que tal estado de espírito reina, em que os valores morais e intelectuais são calcados aos pés, em detrimento de maldade, da impúria do erro e da intriga, eu não vejo outra solução, que não seja a do despertar da juventude

Acorda pois, jovem português, da letargia em que tem vivido, porque de ti depende o porvir da tua pátria.

Desperta dessa vida de sonâmbulo, vivida na ociosidade e no prazer porque «outros valores mais altos se levantam».

Sê outro Camões, tendo sempre numa mão a espada e noutra a pena.

Pensa na tua origem (donde vens) e no teu papel na hora actual. Atenta bem na assência destas palavras e não as analises banal e superficialmente, mas com consciência e aprofundamento. Deixa que o teu coração de cristão e português lhe dê resposta e verás o que ele te diz.

Dir-te-ei que vens de Cristo e como tal estás implicitamente enquadrado no seu Corpo Místico. Em conformidade com tal, é pois mister viver em conformidade com a sua lei, observando-a rigorosamente.

Mas tu, jovem amigo, vens de Portugal, e como tal, estás necessàriamente contido na Nação Portuguesa. Tem sempre presente, e não será exagero afirmá-lo, que poucos são os jovens que têm o orgulho de pronunciar esta frase «Eu Sou Português».

Lògicamente, segundo o conteúdo do parágrafo anterior, tens de ser português de gama, português genuíno que se preze de o ser e que coloque acima de ninharias e assuntos interesseiros, os superiores interesses da Nação.

E se alguém tem razão de estar contente por ter nascido, na Pátria a que pertence, tu és um deles. Senão repara:

Tens uma história das mais gloriosas do mundo, heróis dos mais genuínos e admirados, santos dos maiores e mais virtuosos, reis dos mais bondosos e sábios, escritores dos mais brilhantes e verídicos, chefes dos mais cintilantes e lúcidos, mocidade da mais pura e patriota.

Portanto, jovem amigo, não tens mais do que seguir os teus maiores. Imita, pois os moldes gloriosos que a história coloca entre a tua razão, para que a pátria, nesta hora crítica e dolorosa, mas ao mesmo tempo brilhante e gloriosa, possa realmente contar com um filho legítimo, disposto a tudo para a defesa da sua integridade terrotorial.

Sê firme na rectaguarda, e mostra a heroicidade dos teus maiores quando fores chamado a desempenhar o dever sagrado de a servires na vanguarda.

Em suma, defender e honrar a Pátria, fazendo tudo, o supremo ideal de lhe seres útil.

Não te deixes arrastar por falsos profetas, ou por cantilenas sórdias que apregoam o erro, e muito menos te deixes impressionar pelo zumbido canibalesco e brutal que nos areópagos internacionais, os semi-chegados à civilização, de que nós somos pioneiros, fazem prazer em apregoar.

Cerra fileiras à volta dos teus chefes e com a fé e confiança em Deus, apanágio dos portugueses de todas as gerações, acabaremos por alcançar os louros da vitória que será tanto mais retumbante e gloriosa, quanto mais difícil e penosa for a procela por que ora passamos.

JOSÉ BAPTISTA GERALDES

Nota da Redacção—«Chama» agradece ao novo aluno do Liceu José Baptista Geraldes a colaboração que tem dado à Secção Cultural. Tendo frequentado, nos seis anos anteriores, o Liceu da Guarda, veio terminar o Curso Liceal à Covilhã e logo começou a viver com o maior interesse todos os problemas do Centro, pelo que muito temos a esperar da sua acção entre nós.

PRESENÇA DA MADEIRA

É-nos grato assinalar a camaradagem que entre o nosso Centro e os filiados de Madeira se tem estabelecido há uns tempos para cá.

Belo remate duma prova de campo

Entre «Torres Erguendo», orgão do corpo Distrital de graduados e a nossa «Chama» há presentemente mais do que uma permuta de jornais, a maior e mais estreita união de espírito, filha do mesmo ideal que ambos servem.

O novo Director de «Torres Erguendo» é o C. C. José Manuel Cunha que no ano passado trabalhou connosco durante um trimestre e a quem felicitamos pela confiança que com essa nomeação lhe foi concedida.

«Chama» coloca todas as suas colunas à disposição dos colegas da Madeira muito se honrando de os ver colaborar no nosso jornal.

C. C. José Manuel Gonçalves Cunha

Há pessoas que não é preciso muito tempo para ganharem a estima e a confiança de quem com elas convive.

Está neste caso o C. C. José Manuel G. Cunha que no C. E. 2 prestou serviço no 3.º período do ano passado.

Regressou à sua terra natal deixando em todos que com ele conviveram bons amigos e no Centro a melhor recordação.

«Chama» deseja ao nosso José Manuel as maiores felicidades e espera em breve ver concretizada a visita que nos prometeu na hora da partida.

O Centro Es
da Covilhã

Da Ala

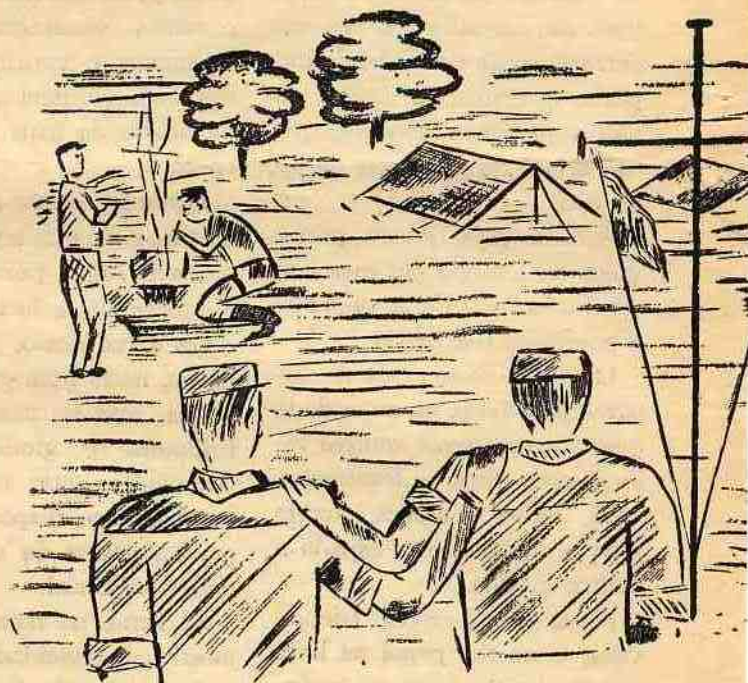
O nosso Director Adjunto e o Comandante de Centro estiveram presentes no acampamento da Ala de Castelo Branco que além de filiados de todos os centros escolares e extra-escolares reuniu ainda 70 cadetes da Milícia e uma patrulha do Corpo Nacional de Escutas.

O espírito de compreensão, de mútua ajuda e apego ao trabalho que se verificaram desde a primeira hora fizeram com que em pouco tempo a nossa cidade de lona tomasse corpo e se transformasse numa autêntica realidade.

ACAMPAM

Os escutas deram-nos a melhor colaboração e a nota tão simpática da sua presença é uma das que mais conservo entre as melhores desses dois belos dias.

A chama teve o cunho característico de todas as chamas, alegria sã, graça sem ferir espiritualidade e elevação patriótica, numa palavra presença de juventude.

No dia seguinte ouvimos Missa Campal celebrada pelo nosso Dirigente Rev. Padre Manuel Bogalho.

A melhor Tenda — do C. E. 2 de C. Branco

Não será fácil esquecer o ambiente de rara espiritualidade com que decorreu a Santa Missa e penso que da minha lembrança e do meu coração jamais passará a emoção tão sincera do Ofertório e das palavras plenas de actualidade da homília do Rev. celebrante.

Terminado o almoço logo se principiou a pensar na desmontagem do Acampamento.

É esse o «drama» dos acam pamentos de fim de semana.

Acampamento d
C. E. 1 da M. P. F

Por gentil e honroso convit da Directora do Centro Esc lar 1 da M. P. F. foi-nos dad o prazer de visitar o acamp mento da Organização nos congénere.

Pela primeira vez estivem

colar 2 M CASTELO BRANCO

NTOS

Merecido repouso

num acampamento da M. P. F. e depois do que nos foi dado ver e apreciar só temos a lastimar que iniciativas deste género sejam tão raras.

As raparigas como nós têm o mesmo direito de viver a vida sádia que só o campo dá, de sentirem a frescura duma alvorada e a companhia dum céu estrelado sobre as suas tendas brancas, enquanto ecoam, ainda, as últimas canções da chama e uma brasa teimosa, mais resistente, parece querer dizer que para além do tempo a chama continua pois é dentro de nós que ela vive e se sente.

Com uma harmoniosa distribuição das tendas, com um terreno muitíssimo bem aproveitado e sobretudo com um grande número de centros de interesse que mantiveram os filiados em plena actividade, podemos considerar este acampamento como modelar Nos mais pequenos pormenores uma nota de feminindalidade e de graça a revelar o cuidado, esmero e atenção com que tudo tinha sido pensado e delineado.

Regressámos à Covilhã trazendo desta rápida estadia em Castelo Branco os ensinamentos duma magnífica lição de camaradagem que há-de perdurar, estou certo, e dar os seus frutos concorrendo para uma melhor consciencialização do verdadeiro espírito M P.

Do Centro Escolar 2 da M. P.

Teve o director do C. E. 2 da Ala de Castelo Branco a amável lembrança de convidar uma representação do nosso centro para tomar parte no seu acampamento de fim de ano.

O acampamento dos nossos colegas do Internato de St.º António realizou-se em Monfortinho, local aprazível e onde não tivemos dificuldade em montar as nossas tendas.

Às amabilidades do sr. Dr. Francisco Palmeiro e camaradagem tão franca e amiga dos nossos camaradas do I.S.A. ficamos a dever uma das nossas mais agradáveis recordações da vida no Campo.

É pena que este contacto de alas e centros diferentes não se realize com mais frequência com o que todos teríamos a lucrar pois só assim se poderá manter e desenvolver o verdadeiro espírito M. P.

Além do Comandante do nosso Centro estavam presentes em Monfortinho mais 2 filiados, e todos regressaram à Covilhã muito gratos ao director do C. E. 1 de Castelo Branco e satisfeitíssimos por esta bela jornada que lhes foi dado viver.

R. B

O Delegado Distrital com os dirigentes de Castelo Branco

Abertura das actividades no C. E. 2

Como já é tradicional realizou-se com brilho e solenidade a abertura das actividades no nosso Centro.

Pelas 14 horas do dia 17 de Outubro o Director do Centro e a Subdelegada Regional da M. P. F. que estavam acompanhados por todos os dirigentes que prestam serviço no Liceu receberam cumprimentos do Corpo de Graduados.

À Subdelegada Regional que tem dedicado o maior interesse às nossas actividades, que sempre honra com a sua presença, foi oferecido pelo Comandante de Centro um ramo de flores em nome de todos os filiados.

Às 15 horas teve lugar no Ginásio uma secção solene a que presidiu o sr. dr. Abrantes da Cunha que recebeu, para o efeito, as representações do Delegado Distrital e Subdelegado Regional.

Presente as autoridades mais representativas do Concelho, muitas famílias de alunos, filiadas do C. E. 1 da M. P. F. e em representação dos Antigos Graduados o C. C. Paulo Pais Nunes Proença.

Depois de se ter entoado a marcha da M. P. foi lida a ordem de serviço, tendo-se procedido, seguidamente, à Imposição das Insígnias aos novos Comandantes de Grupo José Proença Mendes e José Orlando Pereira de Carvalho, juramento e entrega de cartões e emblemas aos novos filiados.

Ao dedicadíssimo José Bordadágua foi oferecida pelo Director de Centro uma miniatura da reprodução da espada de D. Nuno Álvares Pereira, lembrança simbólica da muita estima e apreço em que por todos é tido.

Falaram o director e o Comandante de Centro que dirigiram aos filiados breves palavras de exortação patriótica e fé nos destinos da Mocidade Portuguesa.

A sessão terminou com o hino Nacional entoado em coro por toda a assistência.

Redacção da Chama

A.C.C. JOÃO MANOEL MARTINHO

Foi transferido para Lamego o «veterano» dos Arvorados do Centro que à «Chama» dedicou como Chefe de redacção todo o seu entusiasmo e boa vontade.

Na história do nosso jornal ficarão por muito tempo assinalados os êxitos que se obtiveram durante o seu primeiro ano de trabalho.

A publicação de três números extraordinários, a exposição do Cruzeiro Gago Coutinho e os depoimentos que a «Chama» teve o orgulho de arquivar de Sua Ex.ª Reverendíssima o Bispo da Guarda e do nosso Delegado Distrital ficaram a assinalar uma época de projecção, sòmente realizada pelas muitas boas vontades que a ela deram o melhor do seu esforço.

A.C.C. João M. Martinho

O João Manoel cumpriu e foi bem justo o louvor que o Director do Centro lhe concedeu quando abandonou o nosso Liceu.

C.B. JOÃO ANTÓNIO ESGALHADO DE OLIVEIRA

Assume a chefia da Redacção da «Chama», o Comandante de Bandeira João Esgalhado de Oliveira, graduado muito dedicado e que pelo nosso jornal teve sempre especial interesse e carinho. A competência com que desempenhou todas as funções de que foi incumbido, as distinções e louvores do Director de Centro e Delegado Distrital que lhe têm sido concedidos, atestam bem do seu valor e zelo.

C.B. Esgalhado de Oliveira

Todos aqueles que trabalham na «Chama» prometem ao Comandante de Bandeira Esgalhado de Oliveira a maior e mais leal colaboração e estamos certos que também nós poderemos dizer no render da guarda — Missão Cumprida.

Nas muitas realizações levadas a cabo pelo C.B. Esgalhado de Oliveira podemos salientar o acampamento D. Aleixo, a instrução geral do seu castelo no ano passado e o êxito da romagem dos antigos de 1962.

MOVIMENTO

LOUVORES

A — *Comissariado Nacional*

Foi louvado pela ordem de serviço n.º 13 do Comissariado Nacional o nosso Director de Instrução, A.Q.G. José da Graça Bordadágua.

Pela ordem de serviço n.º 18 do Comissariado Nacional foi louvado o C.B. José Alberto Rolão Bernardo, comandante do C. E. 2.

B — *Delegação Distrital*

Foi louvado em ordem de Serviço da Delegação Distrital o C.B. António Gomes Forte.

C — *Subdelegação*

Em ordem de serviço da Subdelegação foi louvado o C. B. José Alberto Rolão Bernardo.

D — *Centro*

Pelo nosso Director de Centro foram louvados os:

C.B. José Alberto Rolão Bernardo
C.B. António Gomes Forte
C.B. João António Esgalhado de Oliveira
C.G. José Orlando Pereira de Carvalho
A.C.C. João Manoel Martinho
A.C.C. José Alberto Camolino e Sousa
A.C.C. João Nuno Ferreira Saraiva.

PROMOÇÕES

Chefe de Serviços

Pela ordem de Serviço n.º 14 do Comissariado Nacional foi promovido a chefe de Serviços o A.Q.G. Dr. Leite de Castro, Director Adjunto do C.E. 2.

Comandantes de Grupo

Pela Ordem de Serviço n.º 19 do Comissariado Nacional foram promovidos a comandante de Grupo de Castelos os C.C.

José Proença Mendes
José Orlando Pereira de Carvalho.

Comandantes de Bandeira

Concluiram com aproveitamento na E.N.G. o Curso de Comandantes de Bandeira os C.C.

António Gomes Forte
João António Esgalhado de Oliveira

Comandantes de Castelo

Concluiram com aproveitamento na E.N.G. o Curso de Comandantes de Castelo os A.C.C.

Carlos Alberto Rosa Marques
José Luís Pimentel Carvalho
Walter Marques Jacinto
José Luís da Fonseca Azevedo
Luís António Cabral Arroz
Gilberto Roseta dos Reis
Carlos Alberto Lanzinha Neves.

O Rosa Marques obteve na classificação geral o primeiro lugar. «Chama» felicita-o e o Centro confia nele.

P A S S A T E M P O

A.[3] B. & R. M., L.DA

Caras e casos do último número

(ver o número 13)

2.ª Página
TRIBUNA DOS ANTIGOS

...Três, dois, um, zero! Pum!!! A Tribuna lançou um satélite artificial. E não foi preciso foguetão!

3.ª Página
A VIDA

Se a Fernanda dá licença, duas considerações acerca daquela discussão no corredor, existente no conto:

1 — A discussão não teria sido entre raparigas?!...

2 — Com aquele barulho todo no corredor como é que não apareceu o sr. Rato a pô-los na rua?...

4.ª Página
GRAVURA DA ASSISTÊNCIA

Ih! Que ginásio tão pequenino!...

5.ª Página
GRAVURA DA PEÇA

O Pedroso entra espantado e pergunta ao Alberto:

— Ih pá! Onde arranjaste essas barbas?

E o Franco, àparte, com a caixa de charutos na mão, aproveita a distracção e diz para o Forte:

— Eh pá! Tira um prá gente fumar lá fora.

MOMENTO DE HIPNOTISMO

'Tá bem! Vem cá dizer depois que só bebeste um copo!...

6.ª Página
C. B. ROLÃO BERNARDO

E o folhetim continua! É mesmo assim: um tipo não pode ser bonito... e **medalhado.**

UMA SUGESTÃO

COMO A SUGESTÃO LANÇADA NESTA MESMA SECÇÃO, NO ÚLTIMO NÚMERO NÃO DEU AINDA OS DEVIDOS FRUTOS, O QUE NÃO SEI SE POR DESLEIXO SE POR DESCONHECIMENTO, AQUI FICA NOVAMENTE O APELO: ENTREGAI AO CENTRO OS LIVROS USADOS EM CICLOS ANTERIORES. SE JÁ VOS ESQUECESTES A QUE SE DESTINAM OU NÃO O SABEIS AINDA, LÊDE-O NO ÚLTIMO PASSATEMPO.

ERA UMA VEZ...

Era uma vez uma senhora muito amável. Cada vez que apanhava uma outra conhecida na rua saia a ladainha:

— Boa tarde! Como está, passou bem? (E dava duas beijocas muito sonoras) Lá em casa tudo bem, não é verdade? O seu marido e os meninos? Todos bem, não é verdade?

A outra gaguejava umas respostas e apressava as duas outras beijocas da despedida. Dadas estas, a senhora muito amável com um sorriso postiço e baboso, dizia:

— Dê lá cumprimentos!

E alteando o peito e o rosto continuava ufana até encontrar outro objecto das suas amabilidades e que fosse capaz de dar dois dedos de conversa.

Aconteceu que um dia a senhora muito amável encontrou uma outra ainda mais amável que ela. E, então, foi ela que ouviu o metralhar:

— Boa tarde! Como está passou bem? Lá em casa tudo bem, não é verdade etc., etc., etc.

Aborrecida, não soube nem teve tempo para responder ao questionário e despachou-a logo.

Quando chegou a casa dirigiu-se ao homem e disse:

— Se tu visses Fulana! Nunca vi uma pessoa tão maçadora...

A N E D O T A S

O senhor Ambrósio foi para a aldeia. Veio logo ter com ele o burriqueiro da terra. Depois de o cumprimentar, disse-lhe:

— Se o senhor Ambrósio precisar dum burro valente, lembre-se de mim.

— Se perdeste o cachorro, porque não deitas um anúncio no jornal?

— Eu deitava o anúncio, mas ele não sabe ler...

Médico — Recorda-se de algum prato que lhe fizesse mal?

Doente — Recordo-me sim, senhor.

Médico — Qual foi?

Doente — Foi um de Sacavém que me partiram nas costas.

APONTAMENTO

Olhos no chão, mãos nos bolsos e com a biqueira do sapato direito tentando arrancar um tufo de erva, o Tó esperava.

A relva não se arrancou da terra seca da rua e ele aborrecido e num gesto nervoso disparou a mão esquerda do bolso e consultou o relógio:

— Ena! Já passa quase meia hora!

Olhou mais uma vez a porta da loja ao fundo e nada!

Passou na rua um garoto tentando levar água numa lata de sardinhas quase sem fundo; fazia malabarismos. O Tó sorriu. A criança voltou atrás a buscar mais água!

— Hoje tem que ser! O Gonçalves não há-de voltar a gozar comigo. Eu...

— Ó Tó! Estás bom?

— Boa tarde! Atão que tal?

— Estás na conquista, hã?

— Não, pá!

— Hum! — e o outro afastou-se a rir, incrédulo.

Lá vinha a Sr.ª Amélia já a sorrir, prazenteira.

— Lá em casa todos bem? A mãezinha está melhor?

— Menos mal. E lá em casa?

— Tudo rijo. Aquilo é boa cepa!

(A Sr.ª Amélia é devota de Baco).

E vendo que o Tó não está de maré, sempre a rir, afastou-se:

— Dê lá cumprimentos.

A alguns metros novamente o garoto e a lata de sardinhas a ser transportada em pompa, com um cuidado solene. Tropeçou, a água caiu toda. Arreliado atirou com a lata, correu, passou a esquina e berrou para outro mais velho que amassava terra com água:

— Aquilo no pesta!...

Consultou outra vez o relógio:

— Só espero mais cinco minutos — pensou.

Voltou a dar pontapés no tufo de erva teimoso. No exacto momento em que ele arrancava as raízes do solo levantou a cabeça — lá estava a Teresa à porta. Ouviu a voz dela aguda e cantante diluída pela distância a falar para dentro do estabelecimento:

— Está bem!... Até amanhã!

Ela olhou para baixo, viu-o, ficou excitante, subiu uns metros e ouviu-se:

— Ó Alice queres vir?

Momentos depois desciam as duas a rua e o Tó pensou:

— Agora!

Pigarreou, esticou o pescoço e ficou esperando a aproximação passando o indicador direito pelos lábios.

Quando as raparigas passavam por ele, sentiu uma caimbra no estômago deu um passo em frente e ela no meio de um riso abafado, falou:

— Boa tarde!

Ele:

— Bo... boa tarde!

A outra riu-se num riso estridente que lhe rebentou os tímpanos, fê-lo estacar com a vista nublada como num dia de nevoeiro cerrado.

A engolir em seco afastou-se, enquanto pensava:

— Ainda não foi desta!

E lá no íntimo uma voz desconhecida e incerta berrou:

— Parvo!!!

NUM ACAMPAMENTO

Meditação no 14 de Agosto

Tiveram brilho excepcional as comemorações do 14 de Agosto que este ano a Mocidade levou a efeito nos campos de Aljubarrota.

A presença do Venerando Chefe de Estado, dos Senhores Ministros da Educação Nacional e do Ultramar deram a esta iniciativa da M. P. uma relevância que não é necessário salientar de tal forma é evidente.

Em Aljubarrota acampou, verdadeiramente, uma grande e lídima representação da juventude de Portugal.

Ali, nesses campos onde se viveu uma das horas mais altas da história nacional, perto de dois mil rapazes, metropolitanos e ultramarinos, de terras distantes, mas todas portuguesas, afirmaram perante o Chefe do Estado a sua lealdade à Pátria e a vontade firme de continuarem para além de todos os ventos e todos os riscos a independência e a integridade da Nação.

Estreitaram-se laços de amizade, ganhou-se mais confiança e sentiu-se mais intensamente a união do passado com o presente, a comunhão espiritual com os heróis de antanho, força que nada pode vencer e onde reside a garantia da perpetuidade das nações.

Era já noite quando nos chegou através dos postos receptores da T.S.F. a palavra do Presidente do Conselho, emocional e comovidamente escutada.

O local onde nos encontrávamos, o significado da romagem a esses campos sagrados, tudo se conjugava para criar à nossa volta um clima único e que só nós pudemos viver e sentir.

Calaram-se os receptores e o silêncio caiu sobre o acampamento, mas o eco das palavras do Presidente do Conselho permaneciam nos nossos espíritos e davam à nossa juventude um rumo a que juramos permanecer fiéis — Ser dignos dos nossos mortos.

Em boa hora fomos a Aljubarrota e bem agradecidos estamos ao Comissariado Nacional e ao nosso Inspector Freixial Janeiro, que nesta iniciativa colocaram o melhor do seu esforço e dedicação sem limites, por nos ter sido dado viver tão alta hora de Portugalidade.

A. Reis Pedroso
(A.C.C.)

A Mocidade do Ultramar presente em Aljubarrota

Montagem do Acampamento

Intercâmbio com o Ultramar

Entre as actividades realizadas no verão passado destaca-se o II Curso de Férias para Estudantes Ultramarinos, realizado na parte metropolitana e superiormente dirigido pelo director do nosso jornal.

Presentes, rapazes de todas as províncias portuguesas de África, moços dos liceus e escolas técnicas, que em boa hora a Agência Geral do Ultramar e a Mocidade Portuguesa aqui trouxeram para lhes completarem a formação integral.

Constou o curso de duas partes distintas na essência: lições por especialistas ultramarinos e visita a locais de interesse histórico ou turístico — escutaram-se cerca de dez lições; viajou-se durante três semanas.

Sem dúvida que a presença em locais considerados fundamentais constitui a melhor lição sobre o que com ele estiver relacionado: melhor se compreende, melhor se fixa e melhor se poderá vir a reproduzir. Ver Guimarães, S. Jorge ou Fátima é viver factos passados há mais ou menos tempo. Visitar fábricas de indústrias vitais é contactar a realidade da vida, a possibilidade no futuro próximo.

Admirar locais é ligar-se a eles para mais tarde se viverem com mais intensidade. Falar com outras gentes, ver outros costumes é compreender a realidade portuguesa. Tudo, em suma, é completar a educação e caminhar para o integralismo.

Fazemos votos para que estes cursos continuem a bem do intercâmbio de juventudes e da educação portuguesa. Aproveitem-se as lições colhidas para continuar o que esteve bem, e corrigir o que esteve mal.

M. G.

aljubarrota

Aljubarrota!
Quantos corpos aqui caíram
Para que Portugal de novo
Seguisse a sua rota...
Quanto sangue se verteu
Quanta gente padeceu
Para a vitória
E a glória
Serem nossas.
Guerreiros de antanho valorosos
Não vereis nossos olhos lacrimosos...
Não havemos de chorar
E sim continuar
A merecer-vos!...

A. R. PEDROSO